

## Introdução

O que, de fato, podemos chamar sob o nome *repetição* na experiência analítica? Qual seu fundamento? O que este conceito articula? Estas são algumas perguntas fundamentais que motivam nosso percurso. Subjaz a elas outra, a que talvez mais nos tenha colocado este objeto conceitual como pesquisa. A experiência de uma análise não concerne somente a uma retomada histórica em prol da busca de respostas em figuras e/ou experiências arcaicas que poderiam esclarecer o presente e talvez até chegar a prever o futuro. A análise concerne principalmente à experiência de aproximação do que tem contornos inéditos para alguém, que extrapolariam os fatos de sua história e a de seus antepassados. Assim, a primeira vista, poderia haver uma certa dissonância: como uma teoria que tem no rol de seus conceitos fundamentais o da repetição compreende uma prática que testemunha que do mesmo se pode extrair o surpreendente? Cabe-nos montar um percurso que possa circunscrever como essa pergunta se colocou em alguns textos e o que dela puderam situar Sigmund Freud e Jacques Lacan, nossos guias.

Para esta empreitada, começamos com o que podemos considerar um achado: precisamente três símiles de 1895, pertencentes ao texto “A psicoterapia da histeria”. Freud elabora três imagens complementares que constituem uma sofisticada hipótese sobre o funcionamento da memória. Mesmo sendo parte ainda de sua publicação com Breuer, tal texto testemunha aspectos surpreendentes que não se coadunavam mais com o método catártico. Para citar alguns: a hipótese da etiologia da histeria vinculada à neurose passa a ser cada vez mais incontestável; o conceito de defesa se mostra em seu vigor inicial. Essas e outras nascentes premissas teórico-clínicas já valeriam a qualquer psicanalista a leitura deste texto. Entretanto, o que chamamos de achado, de especial serventia para nosso percurso, são esses símiles que fornecem o começo do que Freud estabelece acerca das cadeias de pensamento e sua articulação com aquilo que marcará sua trajetória sob diferentes nomes: sexual, traumático, pulsional. Ver nascer, já de modo pertinente

e virulento, o que neste momento ele chama de “núcleo patogênico”, assim como acompanhar a concepção de cura, vinculada diretamente a este centro, nos inspira a perseguir esta meada em diversos fios. Acompanhamos também Freud em seu *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, no sentido de prosseguir nossas perguntas acerca do que se pode estabelecer nesse momento como memória, como as histórias que se contam e recontam em análise, disponíveis no arsenal de lembranças, e daquilo que responde pela presença de uma novidade que traz um efeito de surpresa diante deste arsenal.

Freud desde então se viu, em alguns pontos, tocado pela questão da repetição, principalmente com relação ao que não aparecia como repetição a ser narrada, mas a ser atuada e que contava, nessa atuação, com a própria cena da análise. Se tais atuações traziam principalmente o que o sujeito tinha de pior<sup>1</sup>, de desprazível a seu próprio ego sem que necessariamente se impusesse como tentativa de obtenção de prazer do recalado, de onde adviria esta insistência em reviver tais tipos de situações?

Desembocamos com Freud em “Além do princípio do prazer”, texto de 1920 que testemunha uma torção. Com a noção de pulsão de morte, Freud faz a tentativa de se aproximar de alguns quadros que pareciam mobilizar algo que não se adequava à concepção de conflito psíquico. Iremos nos deter em dois exemplos utilizados neste texto: os sonhos traumáticos e a brincadeira com o carretel, no *fort-da*. Ganhamos então, com Freud, alguns passos a fim de apreender o que está em causa com a noção de repetição: aquilo que escapa à representação e que se cria a partir da articulação entre as redes associativas e o núcleo patogênico, entre a instauração do simbólico e um estado de coisas anterior que só podemos supor, posto que só se poderá lidar com isso a partir da incidência simbólica, ou seja, das próprias palavras.

Aportamos com Lacan no segundo capítulo. Neste, com a associação livre, interpelamos o que podemos considerar como *mesmo* e como *surpreendente*. Algumas balizas importantes se colocam no caminho quando escolhemos abordar a questão da repetição com o *Seminário 2* e o escrito sobre o conto d’A *carta roubada* de Edgard Allan Poe.

---

<sup>1</sup> “[...] suas inibições, suas atitudes inúteis e seus traços patológicos de caráter. Repete também todos os seus sintomas, no decurso do tratamento.” (Freud, 1914/1996, p. 167)

Neste ponto, preferimos pausar a tentativa de antecipar o que espera o leitor. Parece-nos mais interessante rumar a uma frase que Lacan coloca no final dos comentários sobre este conto de Poe. Ela tem valor especial para nós por interpelar nossa questão acerca da produção da novidade em uma análise. Que o leitor nos perdoe a interrupção.

Acompanhados por Slavoj Žižek, retomamos esta espécie de fórmula que circunscreve o percurso do comentário de Lacan no decorrer no *Seminário 2*. Trata-se da seguinte passagem: “[...] uma carta sempre chega a seu destino” (Lacan, 1985a, p. 258).

Podemos nos perguntar se Lacan estaria aí dando mostras de uma espécie de filiação teleológica segundo a qual a determinação ganharia da contingência. A psicanálise seria então uma prática de leitura de significantes, um pouco menos arbitrária que a leitura das mãos feita pelas ciganas. A partir desta suposição, seria possível definir o lugar ocupado pelo sujeito no mundo para... retê-lo aí. Sendo impossível a mudança, os significantes seriam tão fixos quanto as linhas inscritas em suas mãos, que nunca saem, apenas se aprofundam. Lacan estaria, assim, abolindo o acaso? – perguntamo-nos atônitos.

Lendo a questão com lentes mais largas que as que uma noção teleológica poderia nos fornecer, com a referência ao estruturalismo, como veremos no capítulo dois, ficamos menos com os conteúdos e mais com os lugares e com uma montagem que se introduz a partir da ordem simbólica (a ordem dos significantes) no real (aqui, puro contingente) – montagem, que, levando em conta ainda o imaginário (as “vestes” das representações), resulta na realidade<sup>2</sup>. E, com os lugares, pode-se indicar um discreto deslocamento que, em termos clínicos, aponta para uma importante diferença: a ocupação de um determinado lugar na rede simbólica vale mais pela montagem da estrutura que pelos atributos pessoais de quem lá está – que não deixam de ser, em certa medida, tributários desta montagem. Žižek então, resume a questão da seguinte maneira: aquele que ocupa o lugar não se acha nele por seus atributos, mas pelo fato contingente de se achar neste lugar (Žižek, 1992, p. 11-12).

---

<sup>2</sup> Pedimos desculpas ao leitor por introduzir linguagem mais técnica já na introdução. Entretanto, sem ela e as tentativas simplistas de suas definições que as acompanham aqui, ficaria difícil avançar na questão que queremos marcar como inicial. Fica a promessa sedutora de que, acompanhando os capítulos, será possível nos determos mais no registro do simbólico e no do real.

A fim de apontar para um dos exemplos pelos quais se introduziu a questão da determinação e da contingência na própria psicanálise, podemos recorrer a um dos nomes sob os quais aparecerá nosso eixo, o trauma. Ao invés de pensar nele como determinação absoluta (“Deus escreve certo por linhas tortas”, dito que nos faria recorrer às linhas do destino escritas na pré-história do sujeito) ou como pura contingência sem nenhuma proximidade com o traumatizado, ficamos com a versão que Žižek extrai de Lacan: aproveitamo-nos de pequenos pedaços da realidade para inserir o trauma, pois este não é contingente, mas de estrutura.

O trauma presentifica aquilo que, no encontro entre sujeito e cultura, foi deixado de lado, nas frestas da realidade. Entretanto, nas frestas, isso continua assombrando, justamente nas lacunas da realidade em que pode morder a isca, o que demonstra o quanto há um processo contínuo para que, articulado ao que é nomeado por Freud como núcleo patogênico, seja possível alguma coesão<sup>3</sup>. A articulação entre a rede de significantes e o que do real (nome mais forte para núcleo patogênico) a assombra demonstra a arbitrariedade do significante. Isto é, a entrada na cultura deixa algumas marcas que aparecem sob os significantes e apontam para um sem sentido, um limite da própria significação. Na história do sujeito, alguns significantes, não pelo seu significado, mas por seu modo de inscrição, podem aparecer em sua radicalidade de puras marcas que não remetem a significações. A inscrição do trauma liga-se a estas marcas por encarnarem justamente bordas que marcam um limite do sentido, do que se pode dizer em palavras. A concepção estruturalista não deixa de aparecer novamente aí: não há nomes traumáticos em si, mas a inscrição de alguns em uma história que se fazem valer como estas marcas.

Uma carta seria, então, a possibilidade de inserção disso que assombra o sujeito, possibilidade de reencontro com algo paradoxal que aparece entre as representações para logo depois se perder novamente. Uma das implicações aí envolvidas é a fórmula freudiana segundo a qual o recaiado sempre retorna. Fiquemos, para início de conversa, com a versão mais simples dessa fórmula. Se lidamos com um sujeito que, para entrar no mundo da linguagem, dispensou algo – e não algo qualquer, mas de si, o que Lacan chega a denominar como libra de carne (Lacan, 2005a, p. 139; Miller, 2005b, p. 28) –, o encontro com a linguagem

---

<sup>3</sup> Esta tentativa resulta no que chamamos *ego*, ou *eu*.

não o colonizou completamente, mas deixou, como vimos, rastros de algo outro que não coube exatamente no registro simbólico. Trata-se de algo de heteróclito à própria ordem da linguagem que, no entanto, só pode dar sinais de sua existência em articulação à ela. Isso que sobra, que nos parasita, aparece também quando o que quero falar me falta, ou quando digo mais do que gostaria de ter dito. Aparece então um excedente não totalmente objetivável (se o fosse, seria possível falar tudo o que se quisesse, por exemplo, ou ao menos localizar exatamente e sempre o que faltou dizer). Se trata menos nesse retorno de um conteúdo – afinal ele só existe como recalcado depois que aparece na fala consciente de alguém – do que uma espécie de marca surpreendente que remete o sujeito a essa dimensão do que restou não completamente recoberto pelo simbólico.

Detendo-nos nesta frase de Lacan, depreendemos então, algumas noções que nos ocuparão em nosso percurso. Já poderemos começá-lo deslocando-nos do olhar teleológico ou daquele para o qual tudo é fruto apenas do acaso, dispensando o resquício de qualquer determinação.

1. A concepção de estrutura nos detém mais nos lugares de uma determinada conjuntura que nas características pessoais de quem os ocupa;

2. tal estrutura concerne a algo que diz respeito à ordem da linguagem e como ela se inscreve e origina um sujeito como seu efeito;

3. recorrendo ao trauma: a inscrição da ordem da linguagem para um sujeito é radical. Antes, impossível saber o que havia. Há um *só depois* do mundo da cultura em que é possível esbarrar em certos limites de seu enquadre. Estes limites marcam o traumático; e

4. esse traumático se encarna de acordo com alguns nomes para cada um. Dos milhares de significantes que nos rodeiam, por vezes, um chega ao seu destino: um aproxima desse limite da linguagem, presentificando, de forma menos velada, o sem sentido do qual decorre a possibilidade do próprio sentido.

A carta, portanto, não erra seu destino, posto que este lhe é assinalado só no momento de sua chegada. Ou seja, o leitor da carta só pode se dizer destinado a ela no momento em que a lê e se coloca como seu destinatário. Do contrário, a carta continua circulando até achar alguém que possa se dizer destinado a ela. Desta forma, mais difícil fica acreditar na mão do destino, mas sim em um sujeito que, conforme o lugar que ocupe na estrutura, será afetado de diferentes formas pelo que lhe chega.

A repetição aí se coloca. De acordo com alguns nomes, se repete o que pode veicular para um sujeito uma maior aproximação do que, por excelência, é traumático e que tende a se recolocar nas frestas da realidade. A realidade, pois, se move também à custa desse real, só que localizado em certos pontos, velado, motor que, quando encontrado, pode causar um efeito de deslocamento na montagem.

Se na experiência de uma análise não nos deparamos com a mão do destino, mas com encontros contingentes que deixaram marcas que valem mais por si mesmas, é a um novo encontro do sujeito com elas, sem a intenção primeira de um Outro poderoso, que temos a possibilidade de apostar.

No terceiro e último capítulo é no poder dessas marcas que vamos nos deter, assinalando o que, por meio de um encontro repetitivo com elas, pode se dar como novidade.